

7- Conclusão

Neste trabalho, tratamos de explicitar como se deu a relação de dominação entre colonizador e colonizado durante as colonizações modernas européias, relacionando esse processo ocorrido na Índia com os que ocorreram na América Latina (e Caribe), durante praticamente os mesmo períodos históricos. Para isso, demonstramos como a língua teve papel crucial na legitimação do papel de dominador frente aos colonizadores, já que o primeiro passo para exercer o poder era conhecer a história e cultura do outro através dos livros, geralmente crônicas de viagem, escritos por europeus que descreviam a cultura do outro em relação a sua própria.

Distinguimos a prática do imperialismo da prática do colonialismo, caracterizando-se especialmente pelo estabelecimento de colônias na terra dominada e também descrevemos essa nova prática de colonização cuja característica principal era o deslocamento por motivos capitalistas.

Após o estabelecimento das colônias, a língua continua a exercer papel fundamental do relacionamento entre dominador/dominado. Todo um léxico específico era utilizado para descrever e categorizar os povos dominados, de acordo com cor da pele, clima e relevo, dentre outros fatores que, distribuía os povos em uma escala evolucionária em cuja ponta superior estava o europeu e no extremo oposto estava o povo subjugado, uma clara influência do pensamento evolucionista.

Mais uma vez a língua serve de mediadora para os outros níveis de colonização (cultural, intelectual e espiritual) na implantação de sistema educacional europeu, legislação e evangelização nas colônias, em um sentido de europeizar e tirar das trevas da barbárie o outro. Porém, se por um lado o outro era europeizado, jamais seria considerado um europeu.

O colonizado passa, então a utilizar as estruturas européias e durante esse processo ocorre uma alteração na formação da identidade tanto do colonizador quanto do colonizado, uma vez que o contato entre ambas sociedades acarreta a transculturação das mesmas.

A identidade só se constrói em relação ao outro e, como resultado da influência de ambas culturas, ela se torna híbrida, mas em nosso caso específico de investigação, ela se verifica através da língua que também é discurso. Afinal, a

língua é a forma primária de se comunicar com o outro, por isso, dizemos que é uma identidade linguisticamente construída.

Outro fator importante para nossa atenção estar voltada para a língua é que o colonizado era forçado a aprender a língua da metrópole, a língua tida como culta para o tratamento com seus senhores. Somente em raros casos de pesquisadores é que percebemos o interesse inverso, mesmo assim, sempre de forma a inferiorizar a língua (e através dela, a cultura) do povo dominado. Essa fase da implantação das estruturas intelectuais européias na colônia é chamada por Fanon de fase da assimilação.

O subalterno é, então, silenciado, ele só tem representação através do Outro o que não significa ser ausente já que é no silêncio que ele se apresenta. O subalterno vai aos poucos tomando consciência do seu papel fundamental no sistema colonial e inicia a tentativa de resistência à colonização, ou seja, a segunda fase chamada de cultura nacional, mas esta não é bem sucedida causa da idealização. Por fim, através da rebeldia, o dominado subverte as estruturas européias aos seus interesses, alterando-as conscientemente e manipulando-as em seu favor. Ele retoma sua voz e ascende à categoria de sujeito. Através da rebeldia, resgata seu poder de auto-representação o que acarreta na descolonização formal (política) da colônia e sua independência.

Como dito anteriormente, uma das características principais das colonizações européias modernas é o deslocamento, seja por exílio, seja por migração, refúgio ou expatriação, que não cessa com a independência do país. Nesse ponto, voltamos nossos olhos para aqueles ex-colonizados que estão em condição de migração, mas como um dos focos de nosso estudo é a língua, nos dedicamos a analisar como escritores pós-coloniais percebem a si próprios (identidade) e por estar em condição de deslocamento, isto prevê o movimento de um local para outro que são respectivamente, sua terra natal e, muito frequentemente, a terra do ex-colonizador. Ou seja, também é foco de nosso interesse saber como é compreendida a nação para esses escritores.

Para isso utilizamos a metáfora da casa que ora indica a casa como "eu", ora a casa como lugar. É a partir da célebre frase de Adorno: "no exílio, a única casa é a escrita", e aqui compreendemos escrita como língua em forma de discurso, estudamos a identidade e a nação linguisticamente manifestos, especialmente pelo foco de nossa pesquisa ser os escritores.

Podemos, então, perceber que a língua também passa a ter características híbridas, seja em forma de bilingüismo, seja a pressão da sintaxe da língua materna na língua da metrópole, seja o enxerto da língua do colonizado na língua do colonizador pela limitação desta última, dentre outras. Se trabalhamos aqui com uma identidade linguisticamente construída, ou seja, se somos a língua que falamos e no deslocamento deve-se falar a língua do ex-colonizador, marcamos nossa resistência a uma possível aculturação através do hibridismo linguístico manifestos de distintas maneiras já citadas acima.

Porém, se de uma forma resistimos a uma aculturação, por outro, estamos mais expostos ao outro já que não contamos com a memória externa de nossa terra natal para lembrar-nos de nossa outra parcela original, o que acarreta na intensificação do hibridismo, o qual chamamos de condição relacional.

Já para o conceito de nação trabalhamos com a idéia dos territórios transportáveis, de Julio Ramos, ou seja, assim como o caracol transporta sua casa nas costas, metáfora utilizada por María Julia Daroqui, através da memória interna, também se leva essa terra natal consigo. Mas, ao mesmo tempo em que ela pode ser transportada, ela não pode ser fixa(da), ela também acaba por adquirir uma característica relacional com a terra atual e, da mesma forma que a identidade se torna híbrida, ou seja, uma terceira identidade, diferente de ambas identidades originais, também a terra se torna uma terceira terra distinta da terra natal e da terra atual, uma forma de unir os elementos originais com os que se apresentam no momento presente, assim como a terceira cidade sentida por Lorenzo Homar e que marcava presença, tomava forma por meio de sua obra.

Aliás, foi a partir da leitura sobre a produção artística de Homar, por Arcádio Quiñones, que nos demos conta da recorrência de comentários sobre os aspectos espirituais das obras de escritores pós-coloniais, como uma fulguração de luz em meio aos aspectos degradantes da colonização.

Se havia uma recorrência de citações, especialmente em pesquisas cujos objetivos não eram uma investigação místico-religiosa dessas escrituras, mas sim, análises comprometidas com as teorias pós-coloniais em diversas áreas, mas especialmente na literatura, acreditamos que deveríamos investigar essa outra dimensão das obras que, muito provavelmente poderia trazer-nos novas informações.

Tivemos, então, que recorrer a teóricos de diversas áreas, que se dedicaram a estudar a relação entre mística/religião e cultura. Conforme íamos avançando nas leituras, também íamos percebendo que não havia teóricos que dedicavam seus estudos especificamente sobre as condições pós-coloniais. Assis, tivemos que adaptar essas teorias a nossos interesses específicos.

Dentre os teóricos pesquisados, talvez os que mais contribuíram para uma investigação frutífera tenham sido Paul Tillich, no que tange à relação entre nação e mística, e seguramente Ángel Rupérez, especialmente por também ter formação literária, no que tange à relação entre mística e identidade e a realização desses processos na literatura.

Com Paul Tillich, aprendemos como o processo de deslocamento pode, na verdade, não provocar um distanciamento da terra natal, mas sim, a união de ambas as terras (a terra natal e a do exílio, em seu caso), em uma dimensão espiritual, naquela em que as diferenças não seriam mais motivos de conflitos.

Também vimos como uma experiência negativa de deslocamento como a sentida por Edward Said pode resultar em uma produção especial como as obras de quem tem uma percepção positiva do mesmo fato, uma vez que essa experiência espiritual da união entre ambas as terras pode se dar em nível inconsciente.

Depois começamos a ver o encontro do ser humano com algo externo a ele e pertencente ao plano profano, ou seja, do dia-a-dia, pode provocar uma abertura para uma experiência transcendente, se ele estiver propenso a isso. Ambas das partes saem modificadas desse encontro, ou seja, eles não são mais o que eram antes do encontro. Agora além de seus elementos originais, eles também carregam em si, parte do outro, o que justificaria a manifestação de uma identidade híbrida se o encontro ao qual nos referimos for um encontro entre colonizador/colonizado.

Esse encontro não é totalmente compreendido uma vez que é de ordem sagrada, mas causa uma impressão profunda naquele que a experimenta a tal ponto que ela força sua exteriorização. Aqui relacionamos esse processo com a retomada de voz do subalterno.

Paradoxalmente é por meio da linguagem que essa experiência inefável (por ser uma experiência pré-lingüística) se manifesta e sua exteriorização é uma busca de auto-compreensão e entendimento dessa mesma experiência, o que pode acarretar uma temática recorrente na obra do autor. Por isso a língua é a casa do

escritor; porque é nela que reside as experiências mais íntimas e sublimes dele e também é o local no qual ele passa a ter consciência de si, podendo repensar sua condição no mundo e agir em prol da liberdade – meta última de todo ser, especialmente aquele que vive em condição subalterna.

Aprendemos a diferença entre obras valiosas e obras comuns, ou seja, a obra que apresenta elementos espirituais frutos da experiência transcendente da realidade ou a obra que é mera imitação da realidade, respectivamente. E, por último, vimos como essa experiência pode ser transmitida para o leitor através do próprio ato da leitura.

Se na primeira discussão teórica percebemos que a língua/discurso centra a identidade do sujeito pós-colonial descentrada pelo próprio processo de colonização, agora percebemos que a obra (que nada mais é, em sua estrutura formal, do que língua como discurso) centra essa identidade em um nível sagrado.

É extremamente interessante perceber que justamente a segunda parte da discussão teórica (dimensão espiritual da literatura), surgida casualmente, se tornou a explicação da primeira parte sobre as questões pós-coloniais. Só foi a partir da segunda parte que foi possível compreender em um nível mais profundo os fatos que o pós-colonialismo gera. Por isso, cremos que a segunda parte tenha se alongado mais, porque, quase como arqueólogos espirituais, tentamos desvendar as profundezas das manifestações identitárias e culturais.

Por fim, demonstramos como essas questões ganham forma em duas obras contemporâneas, uma obra brasileira e outra anglo-indiana, ambas marcadas pelo afastamento de suas terras natais e pelo contato entre culturas distintas. Inclusive, o hibridismo característico dessas obras dá-se no próprio termo que as designam. Anglo-indiana, por estar marcada especialmente pelos dois pólos - inglês e indiano - recordando os quase 200 anos que a Índia permaneceu sob o domínio britânico e cuja obra em questão também se dá em língua inglesa permeada pela língua materna indiana.

Já a brasileira carrega em si toda uma carga de hibridismo, uma vez que o gentílico “brasileiro” surgiu no século XVI e se referia inicialmente apenas aos que comercializavam pau-brasil, em sua maioria portugueses. Segundo José Murilo de Carvalho (2008), na época da independência, ainda se usavam os gentílicos brasiliense, brasílico e brasiliano. Com relação ao idioma, por muitos

anos, o português brasileiro foi considerado uma forma errada do português lusitano.

Além disso, ambas as escritoras experimentaram o deslocamento prolongado, seja por exílio, seja por migração, fazendo com que essas experiências refletissem em suas obras.

As linhas finais deste trabalho chegam, porém os questionamentos sobre esse estudo não terminam aqui. Muitas pesquisas devem ser iniciadas e aprofundar as que já existem, especialmente por se tratar de uma área de estudos com raros adeptos, porém, fértil em possibilidades de investigação. Sobre isso, registramos nossa satisfação em termos desenvolvido um trabalho, talvez pioneiro, a partir de questões que foram se apresentando ao longo da pesquisa.

Infelizmente, após discutir a formação e manifestação da identidade e da nação pós-coloniais, não tivemos tempo hábil para alargar a discussão e abarcar questões como a identidade nacional e o nacionalismo, elementos que pretendemos investigar no doutorado como um desdobramento desta pesquisa.

Justamente por ser uma pesquisa em uma campo de estudos pouco conhecido, é possível que esta apresente algumas falhas, mesmo assim, esperamos que este pequeno trabalho possa despertar o desejo em outros pesquisadores em desvendar este universo quase intocado que se apresenta diante de nós, além de haver o desejo de poder corrigir as possíveis falhas de nossa investigação em trabalhos futuros.